

Iyagunã Dalzira: uma vida de lutas antirracistas e conquistas que inspiram

RESUMO

Dalzira Maria Aparecida ou Yalorixá Iyagunã Dalzira, como é conhecida no Candomblé, é sinônimo de resistência, luta e inspiração na construção de um mundo sem ódio e sem violência. Mulher negra, sacerdotisa e ativista contra o racismo e a intolerância religiosa, iniciou seus estudos no Programa de Educação de Jovens e Adultos aos 47 anos e o curso superior de Relações Internacionais aos 63. “Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade” é o título de sua dissertação de mestrado defendida, em 2013, no Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ela encantou Curitiba e o Brasil ao se tornar Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná aos 81 anos. Iyagunã Dalzira, aos 82 anos, é a entrevistada dos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT).

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres que inspiram. Combate ao racismo. Yalorixá Iyagunã Dalzira.

Nanci Stancki da Luz

E-mail: nancist@terra.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4970-2498>
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba, PR,
Brasil

Valéria Navarro

E-mail: navarrovals@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0785-5848>
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba, PR,
Brasil

CGT – Dona Dalzira, como a senhora vê a surpresa do público diante da sua conquista de tornar-se Doutora aos 81 anos?

IYAGUNÃ DALZIRA – Acredito que a surpresa acontece porque é inesperado que uma mulher negra, com 81 anos, lalorixá do Candomblé — que ainda hoje é uma prática muito velada, sem mídia e sem divulgação, o que, por um lado, considero bom, mas que fica no desconhecimento de muitos que, na verdade, nem querem conhecer —, então acredito que essa admiração e esse espanto ocorrem porque não é algo comum de se ver, mas que serve de incentivo também. Uma pessoa idosa geralmente não tem sequer o privilégio de estudar, quanto menos o de fazer um doutorado nessa faixa etária. Muitos me perguntaram para que eu queria um doutorado, e minha resposta é que eu queria aprender mais, tenho esse direito e não há nenhuma lei que proíba o idoso de estudar, além de querer contribuir com a sociedade brasileira na melhoria da postura em relação às religiões de matriz africana, tema de meu mestrado e do doutorado.

CGT – Em depoimento de quem não entendia o porquê de seu desejo em realizar o doutorado, ao assistir à sua defesa compreendeu a importância da sua conquista e o significado de agregar pessoas e chamar a atenção da sociedade em função de seu feito aos 81 anos.

IYAGUNÃ DALZIRA – De fato, fugiu à regra. Mas lutamos muito para que a Lei nº 8.889, que completou vinte anos e que queriam abortar, não fosse o esforço de gente como o deputado Paulo Paim, permanecesse, para que tenhamos pelo menos mais dez ou vinte anos. O mesmo acontece com a Lei de Cotas, para a inserção do negro na universidade. Porque é preciso entender que o negro foi despejado da senzala para o nada. Ele não teve acesso à educação porque era proibido por lei, e passou tempo para que pudesse estudar: primeiro a mulher branca, depois o homem negro e, por último, a mulher negra. Por isso, esse desejo de estudar. Também por minha mãe, que foi uma incentivadora. Ela não estudou, não sabia ler e escrever e falava muito dessa dificuldade na vida por não saber ler e escrever. Não sabia ler um letreiro de ônibus, não podia viajar sozinha. Ela sempre falava: “Vocês vão estudar, vocês não ficarão cegos como eu”. Porque era essa a comparação que ela fazia: quem não sabe ler e escrever está diante das coisas e não enxerga. E isso me estimulou a estudar.

Comecei tardiamente: fui alfabetizada pelo meu pai aos 13 anos. Sabia juntar as letras, mas eu queria mais do que isso, queria ler e compreender, porque não adianta ler e não saber interpretar o que se lê. E agora me perguntam se quero fazer um pós-doutorado, e eu digo que não: quero agora tocar a vida e fazer jus ao que aprendi, se a sociedade quiser; porque é muito difícil uma mulher da minha idade passar em um concurso na área de Educação, mas temos muito a contribuir. E será necessário rever essa questão, pois grande parte da população hoje é de idosos, e o que fazer com eles? Colocá-los em um depósito? Você se aposenta, recebe um benefício a partir dos 65 anos de idade enquanto está ativo e, depois, é colocado em um abrigo. Eu não vou! Me recuso a isso! Não porque o abrigo seja ruim, mas porque a sociedade, a comunidade de terreiro e a família precisam auxiliar esse idoso, pois não há abrigo para todos.

CGT – A senhora considera que o etarismo é sua maior dificuldade? Porque falamos da interseção de gênero, raça e classe social, e acredito que a senhora enfrentou todas essas dificuldades e agora enfrenta a questão do etarismo.

IYAGUNÃ DALZIRA — Essa é a minha bandeira. Eu digo que não vou, mas sempre assumo uma nova luta. Esse preconceito está aumentando e precisamos combatê-lo. Quero contribuir. O idoso precisa de uma vida ativa. O idoso rico tem seus privilégios, mas o idoso empobrecido, a idosa negra, está lá passando dificuldades e cuidando dos netos e bisnetos. Eu já disse que não vou cuidar de netos. Eu vou amar, mas não vou ter a obrigação de cuidar, porque quero ter uma vida livre em minha velhice. Essa questão da responsabilidade e de não poder sair, viajar... Eu gosto muito de sair, viajar, do contato. Quando fui para a África do Sul, em 2001, o que mais me emocionou foi o contato, a identidade da negritude. Os africanos vinham perguntar de que lugar da África eu vinha. Eu respondia que era do Brasil e eles logo puxavam Ronaldo e Pelé. Precisamos mostrar que somos mais do que esporte e não ficarmos isolados.

CGT — Como lalorixá de um terreiro de Candomblé, a senhora é responsável pela condução de muitas vidas. Como é essa responsabilidade?

IYAGUNÃ DALZIRA — Por isso há um preparo para o entendimento. Passei por vários processos de lutas e enfrentamentos para depois ser lalorixá. Fui militante antes e compreendi que estamos aqui para cuidar do todo, não só do negro, não só do bom. Uma mãe é mãe de filhos, não é mãe de filho bom nem mãe de filho ruim. Para uma mãe, o filho nunca é ruim. Ela luta a vida inteira para que ele melhore, para que ele se transforme. Tem gente que fala que fulano tem problemas, vai entrar no terreiro e causar problemas. Eu digo: não, o sentido da entrada no terreiro é compreender a vida e os direitos humanos, e ter força para melhorar sua vida e a dos demais. A gente vem com essa missão. Não é para todos — não somente para mim, mas para muitos —, mas não para todos. Há a compreensão de que erramos, de que há o lado humano e de que ele precisa ser revisto durante toda a vida. É nesse sentido que nos preparamos.

CGT — Como ocorreu a descoberta dessa vocação?

IYAGUNÃ DALZIRA — Desde a infância já temos sinais, mas, como a religião é tão discriminada, mesmo na família acham que, se você entrar, vai sofrer. Mas então eu tive uma insônia de dezessete noites. Procurei um terreiro porque nenhum remédio resolvia. Me deparei com o Paulo Roberto Michanise, o **Ouauasi**, que foi meu babalorixá. Lá fiquei sete anos me preparando. Fui para Salvador, fui para Cachoeira, tive convívio com minha vó de santo e com a mãe Fia, o que foi fundamental em minha vida. Ela era de outra nação; o Brasil teve essa questão estratégica muito inteligente e necessária, que foi ocultar, através do sincretismo, a religião de matriz africana atrás da religião católica. Ogum era São Jorge, e deixa que seja assim, por uma questão de sobrevivência.

CGT — Em sua tese, a senhora trata da questão das religiões?

IYAGUNÃ DALZIRA — Sim, eu acredito que criei o conceito das ialorixás. Porque, quando se fala nelas, imagina-se alguém que está lá só rezando, e não é assim. Ela é um ser social que precisa pensar muito e ter respostas para questões que muitas vezes não encontram resposta, sobretudo na área da saúde. A medicina vai do jeito dela e eu vou do meu jeito, e acredito que está dando certo. Estou com uma filha no hospital e ela pede: “Fala para a Lola vir aqui (é como eles me chamam!), ela sabe o que é”. Ela convive com a gente, mas não é do Candomblé. Mas é isso: confortar as pessoas e saber receber. Aqui entram pessoas de todos os jeitos: chorando, gritando, desesperadas. Precisamos ter uma palavra para todas. E

entram as pessoas consideradas ‘não boas’ na sociedade, mas que também precisam de apoio e de ouvir quem são elas neste contexto social.

CGT – Quanto a essa questão de ser uma orientadora, em sua tese você justamente fala das professoras, que são também orientadoras. E fala mais especificamente das professoras negras. Em sua tese “Professoras Negras: Gênero, Raça e Religião de Matriz Africana e Neopentecostais na Educação Pública”, qual é a importância dessas líderes negras na educação pública?

IYAGUNÃ DALZIRA – É tudo. Nós que passamos pelo viés da educação sabemos como é importante uma professora com consciência racial e social. Tive vários enfrentamentos por ser militante, e houve um tempo em que o professor dizia que dentro da sala de aula não queria a militância; eu ficava pensando que nunca imaginara que teria de deixar minha bagagem na porta da sala e só buscá-la na saída. A gente é o que é; vamos para aprender, mas nem tudo temos de acatar.

É justamente por isso que militamos: para também protestar e nos defender. Por isso a Lei nº 10.639 é fundamental para dar esse conhecimento, para que essa questão seja trabalhada. O negro africano chegou ao Brasil há séculos e até hoje sua história não é contada. Sabemos a história do polonês, a história do italiano, um pouco que seja da história de muitos povos, mas não a nossa história. Mesmo sendo negros, não temos onde nos amparar; por isso essa busca. Em algum lugar tem de estar escrito o porquê desse desrespeito e dessa desigualdade. Nós sabemos que é pelo racismo! Até mesmo porque o racismo é estrutural e estruturante e está em todos os espaços: nas igrejas, nos hospitais.

Se você vai lidar com um corpo que é rejeitado na sociedade e você é obrigado a zelar por esse corpo negro e a limpá-lo, e o racista está em todas as classes e espaços... A educação é o meio de transformar isso, ensinando a pessoa a ser melhor. O professor que ama o que faz, faz para a transformação; ele quer ver seu aluno melhor, dando exemplo de vida, para que, quando retrate as questões que ensinou, seja digno do aprendizado que teve. Nem sempre é possível, porque não temos voz ativa, direito à fala. Muitas vezes, em sala de aula, quando você pede a palavra, o professor finge que não vê e passa a vez para outra pessoa não negra, porque é importante que ela fale, e não você. E isso gera o afastamento e a exclusão. A educação tem de ser justamente atrativa e manter a criança na escola, não por obrigação, mas pelo prazer. A educação tem de ser plena e acolhedora. Muitas vezes a escola não é acolhedora.

CGT – E a academia, Iyagunã, ela é acolhedora?

IYAGUNÃ DALZIRA – Esse processo vem do berço, na creche, onde nem imaginamos, no berçário onde aquele chora e nem é ouvido e aquele outro é acolhido, o bonitinho. Para eles, nunca seremos bonitinhos, só para nossas mães. Essa questão do afeto é o que faz a diferença. Na academia, muitos entram e abortam na metade do caminho porque não aguentam. Uma questão muito difícil também é o repasse do conhecimento. O conhecimento é poder. Se o conhecimento é poder, o poder é meu. Se o poder é meu, para que o repassarei ao outro? A transmissão do conhecimento também fica muito aquém quando você vai para a sala de aula sendo negro. Eu tenho amigos de muitos anos, mas na educação, que seria para mim um viés muito importante, tenho poucos. Poucas pessoas que ficaram amigas, que quiseram partilhar o conhecimento comigo. Quando era para discutir o racismo, eu era peça fundamental, todos queriam fazer grupo comigo, mas para outros temas não. Aí é que vejo que há uma peneira.

Quando saiu a Lei de Cotas, escutamos que haveria um atraso na educação — veja só, nós seríamos o atraso! E foi justamente o contrário: nós conseguimos e lutamos muito. Estamos na base da pirâmide e ainda lutaremos muito mais.

CGT – A Lei de Cotas poderia ser muito mais abrangente e realizar uma mudança social bem mais profunda. Como a senhora vê essa e outras iniciativas que poderiam partir do governo, mas que ainda têm muitas restrições em relação às necessidades da população mais sofrida e excluída?

IYAGUNÃ DALZIRA – O governo apenas acatou nossas reivindicações, vindas da luta dos movimentos sociais e populares como o movimento negro, com figuras fundamentais como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. Esta é uma figura central no campo da política e da luta que é pouco reconhecida. Levamos as reivindicações aos políticos e eles devem acatar. Temos de batalhar. A Lei de Cotas veio muito tarde, por exemplo, mas veio. E ainda há um 'chororô' em torno dela. A sociedade brasileira é muito fragmentada e o negro ainda não entendeu: negro, pardo, mulato, preto claro... Isso não existe. Batalho muito de que preto é preto, claro é claro. Há tonalidades de pele, mas preto claro eu nunca tinha visto! Pardo é descendente de quê? Mas então veio a lei e fragmentou: cotas para negros e pardos. Fragmentou, e para mim isso não significa nada, só dividiu.

CGT – A senhora falou muito de reconhecimento e, depois de sua defesa, esse reconhecimento veio em forma de homenagens. Mas outras oportunidades não se abriram para a senhora após o título. Como a senhora percebe isso?

IYAGUNÃ DALZIRA – Houve realmente uma comoção na minha tese e eu fiquei um pouco assustada, porque eu não fiz por isso. Deveria ser algo comum, mas não é; realmente saiu da curva. O que me deixa feliz é quando vejo que fui inspiração. Estive no Rio Grande do Sul fazendo uma fala — não chamo de palestra porque isso é para intelectuais; é uma fala acadêmica militante, porque sou militante — e algumas mulheres me disseram que voltaram a estudar por minha causa. Isso, para mim, é um ganho.

Na minha fala na OAB do Rio Grande do Sul, lotada de mulheres negras, uma delas me disse que o tema de sua tese sou eu. Pensei: o que será que ela escreverá? Só que minha própria tese ainda não está publicada, porque insisto que saia com o nome com o qual me reconheço, que é Iyagunã. Esses dias me pediram a ficha catalográfica e para mim é até vexatório ainda não ter, porque já faz um ano. Reconhecimento econômico não tive. As pessoas me dizem: “Venha participar de tal evento, vou buscar a senhora e depois levar novamente em casa”, como se eu fosse um pacote. Não veem minha questão humana; como sacerdotisa, não tenho renda. Tenho um benefício que é um salário-mínimo. Nas consultas que faço, não coloco uma placa: atendo apenas as pessoas que me procuram, não como essas religiões que visam à arrecadação.

CGT – E onde foi que a senhora recebeu a homenagem de ter seu nome em uma instituição?

IYAGUNÃ DALZIRA – Foi em Salvador, na Universidade Federal. Lá eles têm um instituto na área da saúde que passou a ser chamado de Dalzira Maria Aparecida Iyagunã. Outro levou o nome de Chica Manicongo, que ninguém conhece, mas que veio do Congo e no Brasil fez uma revolução social enquanto travesti no terreiro que assumiu de sua mãe, em pleno século XVII. Fiquei muito feliz em ser homenageada junto com ela. Eles acreditam que ela foi a primeira travesti a se

declarar no Brasil, que estava no anonimato e agora é reconhecida e deixa seu nome na história. Sim, ela teve uma identidade, não sei o quanto sofreu por isso, mas foi e é fundamental. Ter sido aprovada na Bahia, sendo do Sul, para mim é muito importante.

CGT – Gostaria que contasse um pouco de sua história: a senhora nasceu em Guaxupé, Minas Gerais, e veio para Curitiba. Como se deu isso e como foi sua infância?

IYAGUNÃ DALZIRA – Eu nasci em Guaxupé e saí de lá aos dois anos. Nasci na Rua Bonfim. Eu até gostaria de rever a casa em que nasci, mas acredito que não exista mais. Meu pai migrava muito. Ele se casou em Minas e, no mesmo dia do casamento, trouxe minha mãe para viver em Rio Preto com ele. Tiveram o primeiro filho em São Paulo. Depois voltaram para Minas, onde nasceram mais dois filhos, inclusive eu. Depois voltaram novamente para São Paulo, onde nasceram mais dois filhos. Em 1951 viemos para o Paraná, em Santa Mariana. Depois de um ano fomos para Centenário do Sul, torrar café. Depois para Umuarama e Curitiba. Fechamos a família em nove irmãos, os últimos paranaenses.

Mas Curitiba não era difícil. Tenho uma irmã que foi para São Paulo há 30 anos. Ela é atriz, mas só agora está sendo reconhecida, a Dirce Tomás. A vida da gente, quando chega a ter algum reconhecimento, você já está muito cansada. Me preparei para a velhice. A velhice é terrível para quem não se prepara. Me perguntaram por que não fiquei fazendo crochê... Até isso! Eu não aprendi a fazer crochê, aprendi a lutar! Me dê uma arma, uma ferramenta na mão, que eu sei lutar com ela! Não somos preparados para a velhice, por isso ela é triste. Eu não quero saber, enquanto puder vou lutar. A velhice só não vem para quem morre cedo. Eu não quero. Nunca priorizei morrer para não envelhecer.

CGT – E o Pós-Doutorado?

IYAGUNÃ DALZIRA – Por enquanto, acho que não. Eu quero escrever. Gosto de escrever, colocar as ideias no papel. Isso eu gostaria de fazer. Não sei escrever tão bem, mas gosto. Fiz alguns artigos em conjunto com outras pessoas que ficaram muito bons, e fiquei muito feliz com isso. Escrever a respeito da sociedade, do meio ambiente — que, como vimos, está em um retrocesso, com todas essas intempéries que têm acontecido, como o El Niño, que já ficou tanto tempo, em função do desmatamento, das tecnologias, da questão fundiária. E gerou tudo isso: água demais em um lugar, água de menos em outro, secas, incêndios. No Candomblé ficamos muito preocupados, porque sem água não é possível. Geleiras derretendo, o planeta aquecendo, e ninguém viu. Dizem que vai melhorar até 2050... Não estaremos aqui, não existiremos mais. A transformação tem de ser agora!

CGT – Qual é o conselho que a Doutora Dalzira daria para a Dalzira criança de ontem e a todas as meninas negras deste país?

IYAGUNÃ DALZIRA – Tive uma infância muito feliz. Não fui para a escola, não estudei, mas minha mãe era uma mulher muito sábia. Ela começou a trabalhar aos dez anos de idade. Minha mãe trabalhou durante toda a vida. Foi uma mulher que não teve lazer ou vida social; só teve trabalho, gestações, nascimento de filhos. Mas ela ensinou muito para nós. Então, aquela menina lá, a Dalzira menina, foi muito feliz! Brinquei com o que tinha, tinha o sonho de ter uma boneca, mas nunca tive. Fazia bonecas de sabugos de milho. Quem nasceu em sítio sabe como é. Vestia

as roupinhas, era muito lúdica. Recriava, brincava em fontes de água, conhecia muitas coisas do sítio, frutas naturais. Caminhava no campo, tinha muito lazer. Uma vida muito boa.

A mãe era brava, mas também era de muito aconselhamento, de muito afago, era muito acolhedora. Muitos filhos, mas sabia tratar todos de forma igual; acho que ela foi muito democrática na nossa criação. Então aquela menina de quem me recordo, a menina Dalzira que não foi à escola, que não teve uma educação formal na infância, mas que teve, por outro lado, muito amor. Minha mãe cantava muito, então gosto de música até hoje. Não tenho voz nem para a fala, mas gosto de música. Já cantei em coral, em Centenário do Sul. Eu era filha de Maria. A missa mais bonita que tinha era a nossa. Fui católica de verdade, assim como agora no Candomblé. Tudo o que faço acho que é muito intenso, é verdadeiro.

E dessa menina Dalzira para Iyagunã, de Iyagunã para Doutora Dalzira: essa doutora tem essa bagagem da infância que ajudou muito, alavancou muito nesta fase do doutorado, das memórias, das questões de entender o saber. Saber e conhecimento têm uma diferença, mas eu gostaria que o saber e o conhecimento pudessem caminhar juntos, pudessem se ajudar mutuamente. Então, quando vou fazer minhas falas, o povo acha que tenho uma fala acadêmica, mas eu não quero ter só fala acadêmica, porque não sou só acadêmica. Quero fazer uma fala que todo mundo entenda. Se é feio, se é bonito, mas que faça. Estamos falando para o outro. Sempre penso: “O que o outro vai entender do que estou escrevendo?”. A academia tem todos os defeitos que a sociedade tem. Tem defeitos, mas tem o conhecimento que a gente busca.

Então, meu conselho é que as meninas e mulheres negras vão em busca desse conhecimento, que é nosso também. Fiquei muito feliz quando a Universidade Federal me homenageou pela tese. Valeram minhas madrugadas de dedicação, porque a tese foi das mais buscadas e compartilhadas da Universidade naquele período. Então, fui homenageada por isso. Eu e um senhor que foi funcionário por 36 anos da Universidade e sabia tudo de Medicina, de Anatomia. Dava aula de Anatomia e não se formou, mesmo estando em uma universidade. Então fiquei olhando para as nossas realidades. Eu, enquanto uma mulher negra, velha, ali, recebendo uma homenagem; e ele, um senhor velho também, contribuiu a vida toda e recebeu por ser um funcionário exemplar, mas poderia ter sido doutor... Não gostaria de ficar falando da vida dos outros, mas já estou falando, já falei. É que incomoda você ficar pensando: meu Deus do céu, por que escolheu esse caminho? Talvez porque quis, e não duvido que seja, mas será que nunca quis sentar-se em uma cadeira daquelas dali e obter o reconhecimento de um título?

CGT – E os seus sonhos?

IYAGUNÃ DALZIRA – Eu fui um pouco atrevida pelo tempo, um pouco atrevida por buscar... E eu busquei muito. E fui homenageada em espaços que nem imaginei. Fui reverenciada por um trabalho que prestei à sociedade. Adotei sete crianças, dei conta de cria-las — não sozinha, claro, a sociedade me ajudou. A família ajudou muito também. Mas estavam ao meu encargo e hoje estão todos criados, o menor já com mais de 40 anos. Meu sonho é que a Medicina se interessasse pelas questões do negro, porque há doença que é específica do negro, por exemplo, a anemia falciforme. Há uma população enorme no Brasil de negros afetados por ela, constam os números no Ministério da Saúde, mas não há um médico especializado nisso. Por que será? Então, hoje, seria esse o meu sonho: que a

Medicina se interessasse em estudar a doença falciforme com mais carinho, com mais profundidade, e não tratando o paciente como um rato de laboratório, porque ninguém estuda uma doença que é só de negros. Esse seria meu sonho hoje.

CGT – A senhora se sente uma mulher realizada?

IYAGUNÃ DALZIRA – Não, porque a gente está sempre em busca. Sinto que sou uma mulher contemplada naquilo que busquei e pelo reconhecimento do público, que nunca esperei que viesse, e nessa proporção. Gostaria que houvesse também o reconhecimento econômico, porque nós, idosos, podemos trabalhar e temos muito a contribuir também. Então, o sonho de hoje seria isso também: reconhecimento ao idoso. Se nós hoje somos quase cinquenta por cento da população brasileira — não tenho os dados aqui, mas acho que é algo em torno disso... Mas há pessoas mais preocupadas com os animais. Eu também me preocupo, mas não pode ser assim. Há uma propaganda que me chama muito a atenção: a mulher chega à casa do ex-marido e fala assim: “Vim buscar o Zeca”. O homem diz: “A comida predileta dele está pronta”, pegando uma vasilha na geladeira e perguntando se ela não quer entrar. Ela diz que está com pressa: “Então vem, Zeca, a mamãe veio buscar você”. E lá vem o cachorro correndo. A propaganda é da geladeira. Mas eu pensei: “Gente, que coisa mais terrível”. Eu esperando que viesse uma criança, um menino, uma menina, e vem o cachorro, todo lindo.

A sociedade está transferindo o amor humano para o amor animal. Claro que é bom que amem os animais, que protejam os animais, mas você não pode inverter assim. Eu falo para a minha cachorrinha: “Vem aqui com a mamãe”, mas é uma brincadeira, eu sei que ela é uma cachorra, não é um humano. Então, quando falo isso, me criticam, mas precisamos lidar com a questão do etarismo, a questão do idoso, a questão do descarte, porque é um descarte, na verdade: envelheceu, está descartado da sociedade.

CGT – Falta amor nessa sociedade?

IYAGUNÃ DALZIRA – Falta. Falta amor, falta paciência. Falta enxergar o outro como realmente ele é. Vejo muita briga de mãe e filho, de pai e filho, o que sempre houve, mas agora são muito de igual para igual. Acho que isso faz a gente envelhecer também, porque antes havia respeito. Não quero que todos sejam velhinhas iguais a mim, mas estou colocando o que me incomoda hoje. Ninguém está vivendo direito. Os meios também não dão oportunidade para isso.

Há muitos campos de vivências boas, mas é uma luta, uma luta constante. Falta amor, falta amor no tratamento, falta amor na humanidade. O que mais você vai esperar? Falta realmente amor em como se vê o outro, em como se trata o corpo. Falo muito do corpo porque no hospital somos só um objeto: é um corpo, move para lá, move para cá... Tem de tratar, é um humano que está ali, não é um papel, não é uma caixa, não é uma geladeira. É um ser humano de quem nem se ouvem as queixas.

Tive a ajuda de um médico que tratou das meninas quando assumi as crianças que estavam abandonadas em função de um feminicídio. Foi muito difícil saber também o que fazer na área da saúde. E esse médico me disse: “Enquanto eu existir, você pode contar comigo”. E era verdade! Doutor Luiz Alberto Cagliari dos Santos. É uma pessoa de quem até hoje falo com muito amor, com muita emoção,

porque me ajudou nessa trajetória e na de todas essas crianças. Ele sim tratava o paciente como paciente, com muito amor. Cuidou das meninas até os 15 anos, ele é pediatra. E acho que por isso elas sobreviveram também.

Então é isso: falta amor no que você faz, em como você olha para o outro. Geralmente é com desamor, desvia-se o olhar. Mas nem todo mundo contrai esse mal. Tenho muitas amigas, colegas, que ajudam com bastante apoio, nas conversas. Conversa é muito importante; por isso, hoje, há muitas rodas de conversa. Gosto dessas pessoas das rodas de conversa em que todo mundo fala, todo mundo ouve. Quem não fala é porque não quer. Mas é uma roda que vai passando por todos, assim como no Candomblé.

CGT – E por falar em conversa, agradecemos por essa conversa, por ser uma mulher tão inspiradora. Agradecemos em nome dos Cadernos de Gênero e Tecnologia pela oportunidade de aprender um pouco mais sobre a Iyagunã com a Iyagunã.

IYAGUNÃ DALZIRA – É essa questão de que falo sobre a busca. Vocês saíram de lá, cada um do seu espaço, e vieram aqui para colher informações que não são as melhores, mas é o que tenho. E tenho a honra de passar para vocês um pouco da minha vivência, um pouco da minha vida, para ver se transformamos, se conseguimos, juntos, transformar um pouco esta sociedade. Agradeço à sociedade, agradeço às Filhas de Santo que me deram força, umas mais, outras menos, mas que me acolheram nessa trajetória. E ao meu orientador, que é uma peça fundamental: o Professor Domingos Leite Lima Filho, que foi meu orientador no Mestrado da UTFPR, e o Professor Paulo, no Doutorado da UFPR. Tenho de agradecer à academia, sim, mesmo com todas as falhas, mas ela trouxe também outro lado, que é o do conhecimento, da junção das ideias. E aos Orixás, que têm me ajudado muito com essa força, nessa caminhada, nessa trajetória. Só tenho a agradecer.

CGT – Obrigada, Iyagunã. Siga inspirando muitos!

IYAGUNÃ DALZIRA – Axé para todos nós.

Iyagunã Dalzira: a life of anti-racist struggles and inspiring achievements

ABSTRACT

Dalzira Maria Aparecida, or Yalorixá Iyagunã Dalzira, as she is known in Candomblé, is synonymous with resistance, struggle, and inspiration in building a world free of hatred and violence. A Black woman, priestess, and activist against racism and religious intolerance, she began her studies in the Youth and Adult Education Program at the age of 47 and her undergraduate degree in International Relations at 63. “Religious temple, nature, and technological advances: candomblé knowledge in contemporary times” is the title of her master's dissertation, defended in 2013 in the Graduate Program in Technology and Society at the Federal University of Technology – Paraná (UTFPR). She enchanted Curitiba and Brazil by earning her PhD in Education from the Federal University of Paraná (UFPR) at the age of 81. At 82 years old, Iyagunã Dalzira is interviewed for Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT).

KEYWORDS: Inspiring women; Combating racism; Yalorixá Iyagunã Dalzira.

Iyagunã Dalzira: una vida de luchas antirracistas y logros que inspiran

RESUMÉN

Dalzira Maria Aparecida o Yalorixá Iyagunã Dalzira, como es conocida en el Candomblé, es sinónimo de resistencia, lucha e inspiración en la construcción de un mundo sin odio y sin violencia. Mujer negra, sacerdotisa y activista contra el racismo y la intolerancia religiosa, inició sus estudios en el Programa de Educación para Jóvenes y Adultos a los 47 años y la carrera universitaria de Relaciones Internacionales a los 63. “Templo religioso, naturaleza y avances tecnológicos: los saberes del candomblé en la contemporaneidad” es el título de su tesis de maestría defendida en 2013 en el Programa de Posgrado en Tecnología y Sociedad de la Universidad Tecnológica Federal del Paraná. Encantó a Curitiba y a Brasil al convertirse en Doctora en Educación por la Universidad Federal del Paraná a los 81 años. Iyagunã Dalzira, a sus 82 años, es la entrevistada de Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT).

PALABRAS CLAVE: Mujeres que inspiran; Lucha contra el racismo; Yalorixá Iyagunã Dalzira.

Recebido: 09/12/2023.

Aprovado: 02/09/2026.

DOI: 10.3895/cgt.v17n48/49.17903.

Como citar: LUZ, Nanci Stancki da; NAVARRO, Valéria. Yagunã Dalzira: uma vida de lutas antirracistas e conquistas que inspiram. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 17, n. 48/49. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 20 mai. 2026.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons–Atribuição 4.0 Internacional.

